

O ESQUEMA NARRATIVO DE JOVENS COM PARALISIA CEREBRAL

THE NARRATIVE SCHEMA OF YOUNGSTERS WITH CEREBRAL PALSY

Marielle Costa Silva

Maria do Rosário de Fátima Rodrigues

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE)

Submetido em 12/12/2016

Revisado em 10/01/2017

Aprovado em 20/03/2017

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi verificar a influência das oficinas de contação de história para o esquema narrativo de três jovens com paralisia cerebral. Realizou-se uma pesquisa explicativa em um centro de reabilitação geral em Ipatinga, Minas Gerais. De acordo com a análise quantitativa e qualitativa dos dados, todos os participantes apresentaram avanços no pós-teste. Este estudo colaborou para experiências positivas no campo da Psicologia, bem como relações cooperativas entre os jovens.

Palavras chave: Contação de história; jovens; paralisia cerebral.

Abstract: The objective of this research was to verify the influence of storytelling workshops to the narrative scheme of three youngsters with cerebral palsy. It was carried out an explanatory research at a general rehabilitation center in Ipatinga, Minas Gerais. According to the quantitative and qualitative data analysis, all the participants presented advances in the post-test. This study contributed to positive experiences in the field of Psychology, as well as cooperative relations among the youngsters.

Keywords: Storytelling; youngsters; cerebral palsy.

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver o presente estudo surgiu por meio da intervenção do projeto de extensão intitulado “Contando Histórias Especiais”, o qual consistiu em oficinas de contação da história “Alice no País das Maravilhas” a um público de oito jovens com paralisia cerebral em um Centro de Reabilitação Geral (CRG) na cidade de Ipatinga, Minas Gerais.

Dessa forma, objetivou-se verificar a influência das referidas oficinas no esquema narrativo de jovens com paralisia cerebral. Dentre os oito jovens envolvidos no referido projeto de extensão, apenas três desses se comunicavam através da linguagem verbal, o que possibilitou a participação dos mesmos nesta pesquisa.

Diante das diversas alternativas de intervenção nesta área, que interliga o campo da Psicologia às necessidades especiais, apresentou-se a hipótese que norteou este trabalho, no sentido de pesquisar se as oficinas de contação de história contribuem para o desenvolvimento do esquema narrativo de jovens com paralisia cerebral.

Percebe-se também uma escassez de produções acadêmicas de Psicologia e áreas afins, em literatura nacional e internacional, direcionadas ao estudo e problematização das habilidades de conto e reconto de histórias por pessoas com deficiências, especificamente em relação à paralisia cerebral. Assim, esta pesquisa apresenta-se enquanto significativa ao ampliar as discussões sobre o tema, atribuindo-lhe maior visibilidade no cenário científico.

Sublinha-se que o estudo sobre o esquema narrativo se torna relevante, uma vez que agrega contribuições sobre a dimensão sociocultural ligada às diferentes formas de compreender as vivências cotidianas, que podem ser acessadas por meio da produção e relato de histórias, sendo uma atividade cognitiva que desenvolve o raciocínio abstrato e simbólico.

Em consonância a essa proposta, inicialmente buscou-se identificar o esquema narrativo de jovens com paralisia cerebral para assim realizar as oficinas de contação de história. Através dessas etapas, demonstrou-se a possibilidade de comparar o esquema narrativo final com o inicial após a realização das oficinas.

REVISÃO DE LITERATURA

Paralisia Cerebral

A paralisia cerebral (PC) é marcada por uma desordem dos aspectos motores e posturais, podendo ocasionar distúrbios no desenvolvimento da linguagem oral, de maneira a afetar as áreas motora, cognitiva e linguística. Rodrigues (s.d) considera que o uso da expressão “disfunção intracraniana precoce” é mais adequado para se referir às múltiplas dimensões envolvidas na deficiência. Apesar disso, reconhece a predominância do termo “Paralisia Cerebral” em obras acadêmico-científicas.

Bobath (1979) conceitua paralisia cerebral como o resultado de uma lesão ou mau desenvolvimento do cérebro, de caráter não progressivo, desde a infância. Dessa forma, é uma deficiência que se apresenta sob uma variabilidade de tipos e de gravidades, sendo que afeta, principalmente, os aspectos motores e posturais. Segundo o autor, em casos de paralisia cerebral, a postura e os movimentos apresentam padrões incompatíveis com a atividade motora normal.

Percebe-se uma escassez de estudos que enfocam a paralisia cerebral sob a perspectiva jovem e adulta, em relação às habilidades verbais e narrativas. Horsman e outros (2010) enfocam os aspectos psicossociais do envelhecimento em pessoas com paralisia cerebral, sendo que indica a necessidade em aprofundar os estudos na área, uma vez que a maior parte dos trabalhos ressaltam apenas os aspectos biológicos do envelhecimento. Os mesmos autores atentaram para o papel essencial do suporte social, dividido nos tipos emocional, instrumental e cognitivo, para garantir a adaptação das pessoas com deficiências, a fim de enfrentar os desafios e vivenciar as experiências cotidianas.

Estudos de Horsman e outros (2010) revelaram que os principais aspectos psicossociais relacionados ao envelhecimento da pessoa com paralisia cerebral foram a necessidade do suporte social, auto-aceitação e aceitação social, além da grande importância da autonomia e da independência para a realização de suas atividades diárias, a fim de garantir uma qualidade de vida satisfatória. Também foi indicado o papel fundamental da adoção de comportamentos ligados à promoção da saúde, o que inclui cuidados com a

nutrição e o bem-estar psicológico, bem como destacou as atividades físicas como significativas para um envelhecimento saudável.

Estudo de Krakovsky e outros (2006) analisam as mudanças funcionais e psicossociais em crianças, adolescentes e jovens adultos com paralisia cerebral. Observou-se que crianças com múltiplas deficiências, incluindo a paralisia cerebral, geralmente perdem ou regredem em suas habilidades funcionais ao longo da adolescência e início da idade adulta. A maioria dos indivíduos pesquisados demonstraram dificuldades sociais e emocionais, a exemplo de ansiedade e/ou depressão, além de também incluir comportamento agressivo em direção aos outros ou a objetos inanimados e comportamentos autolesivos.

Além disso, não foram encontrados estudos atuais destinados a investigar a incidência dos aspectos sociais e emocionais no desenvolvimento típico de crianças comparadas àquelas com PC. Em consonância com o estudo de Krakovsky e outros (2006), foi apontado que o nível de atividade social de adolescentes e de jovens adultos com PC apresentava um declínio à medida que o indivíduo envelhecia, o que incluía também o contato com amigos.

Palisano e outros (2009) apontam que os modelos contemporâneos que visam à compreensão da relação entre saúde e deficiência sugerem que os serviços de reabilitação são importantes para otimizar a participação das pessoas com deficiência em seu lar, escola e na vida comunitária.

Dessa forma, percebe-se a importância em se criar possibilidades para estimular, por meio de recursos adaptados a esse público, as interações sociais, linguísticas e verbais e de expressão das preferências, bem como a comunicação dos desejos, sentimentos e desenvolvimento da afetividade. A paralisia cerebral traz geralmente, como consequência, dificuldades no desenvolvimento da linguagem falada. Entretanto, isso não significa que as pessoas com paralisia cerebral não possam desenvolver seu esquema narrativo, ou seja, sua habilidade de contar e recontar histórias.

Considerações sobre o esquema narrativo

Segundo estudo de Holck e outros (2011), a habilidade narrativa do grupo de participantes com paralisia cerebral segue, mesmo com atraso, o perfil daqueles com desenvolvimento típico. O grupo de pessoas com paralisia

cerebral apresentaram dificuldades na compreensão da história ao nível do texto em vez de ao nível de cada frase.

Holck e outros (2011) também ressaltaram a relação entre a compreensão literal e inferencial, sendo que quando não se entende uma parte central da história, isso afeta a qualidade da informação no reconto da mesma, assim, a compreensão inferencial foi apontada como facilitadora na coerência. As pessoas com desenvolvimento típico usaram conjunções causais em maior extensão que as com paralisia cerebral, sendo que neste último grupo verificou-se que a compreensão da informação pelo ouvinte poderia ser afetada, uma vez que devido à ausência de mecanismos de coesão explicativa, o ouvinte dependerá mais do entendimento inferencial.

Através do estudo apresentado por Holck e outros (2011), conclui-se a paralisia cerebral está relacionada às dificuldades de clareza da informação e uso das conjunções causais. Os resultados também sugeriram que o uso de hesitações, muitas vezes considerado indesejável, poderia auxiliar a alcançar um desempenho mais eficiente.

É oportuno traçar brevemente o caminho desenvolvimental do esquema narrativo. Conforme Amaro e Moreira (2001), a narrativa é conceituada como um relato simbólico que dimensiona o posicionamento espaço-temporal dos eventos, sendo que está presente em todas as culturas e sua evolução acompanha o desenvolvimento geral das pessoas.

De acordo com Flavell, Miller e Miller (1999), as relações entre pensamento narrativo e eventos da vida diária se constituem como uma ferramenta poderosa para entender o mundo, envolvendo um conjunto coerente de acontecimentos no tempo-espaço. Os diversos benefícios do exercício narrativo podem ser caracterizados em desenvolver o pensamento abstrato, criar expectativas acerca do mundo e dos padrões recorrentes de valores, criando também expectativas estáveis sobre os papéis e relações que são parte da cultura.

Segundo Silva e Spinillo (2000), a produção de histórias envolve uma atividade cognitiva e linguística. Percebe-se que na produção oral há o desenvolvimento da estrutura própria da história, bem como um maior domínio das convenções, sendo que pessoas alfabetizadas apresentavam uma melhor qualidade narrativa em suas produções. Segundo essa análise, observam-se

os aspectos presentes no desenvolvimento do esquema narrativo, o qual não é determinado apenas pela idade e alfabetização, mas também pelo contato com a linguagem escrita e falada no âmbito familiar e social, de acordo com os diferentes níveis socioeconômicos.

Além disso, através do estudo, é possível perceber que o aumento da escolaridade é fator importante para um maior progresso na escrita e produção de histórias. Aponta-se que mesmo após a alfabetização há um avanço na escrita de histórias, sendo que um significativo contato com textos concomitante ao progresso no nível de escolarização pode favorecer o desenvolvimento de um esquema narrativo mais elaborado (SILVA; SPINILLO, 2000).

O estudo realizado por Silva e Spinillo (2000) também realça que ambas as produções orais e escritas foram beneficiadas pela utilização de recursos visuais, compostos pela sequência de gravuras, na qual estava presente uma situação-problema. Dessa forma, explicita-se que o recurso linguístico também favorece a estruturação de histórias, sendo afirmado que a criança reproduz a forma linguística do texto, sendo influenciada também pelo contexto familiar em que está inserida, fato que demonstra que a aquisição do esquema narrativo depende, de maneira considerável, do contato com textos, lidos por outrem ou de forma independente.

Percebe-se a relevância da utilização de uma sequência de gravuras, contendo uma situação-problema, no conto de histórias, mecanismo que favorece a compreensão, além de possibilitar uma estruturação mais eficiente do enredo, o que beneficia o esquema narrativo de jovens com paralisia cerebral. Assim sendo, Silva e Spinillo (2000) ressaltam a importância do domínio satisfatório do esquema narrativo, sendo que a estimulação externa colabora na produção de histórias, entretanto não deve ser condição fundamental, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento de habilidades narrativas com melhor estruturação.

Perspectiva biopsicossocial sobre as deficiências

Palisano e outros (2009) afirmam que além dos aspectos biológicos ligados às deficiências, também é essencial considerar as situações em que

características do ambiente físico, social ou pessoal restringem a participação em atividades que o indivíduo necessita ou deseja realizar.

Na contemporaneidade, adota-se uma perspectiva biopsicossocial a respeito das deficiências, na qual há uma interação entre as características pessoais, condições de saúde e aspectos contextuais. Indica-se a relevância da participação social e comunitária para a formação de amizades, ganho de conhecimento, aprendizagem de habilidades, assim como a expressão da criatividade e atribuição de sentidos para a vida.

Segundo Palisano e outros (2009), a participação social é definida como atividades realizadas com amigos ou outras pessoas que não sejam membros da família; enquanto a participação comunitária é definida como uma atividade realizada fora do lar ou na casa de um parente. Através deste estudo, percebe-se que muitas pessoas com deficiências realizam atividades recreativas em casa, por si próprios, como jogar no computador ou videogames, além de que são geralmente acompanhadas por membros da família nas atividades fora de casa, como ir a uma festa ou ao cinema.

Ressalta-se que crianças e jovens que não andam apresentam uma porcentagem de atividades realizadas fora de casa semelhante àquela das pessoas que andam sem restrições. Isso reflete o engajamento familiar em promover uma vida social para as pessoas com deficiência.

Apona-se também que jovens com deficiências apresentam um desejo especial de pertencimento a grupos sociais exteriores à família, com maior participação social e comunitária, sendo que a independência está associada à crença na própria capacidade de ser bem-sucedido em uma situação de interação social. Além disso, indica-se a que o desenvolvimento de competências sociais apresenta benefícios para a saúde mental e física (PALISANO et al, 2009).

Tendo em vista o enfoque deste estudo, relativo ao relato de histórias beneficiadas pela utilização de uma sequência de gravuras com a presença de uma situação-problema, visa-se a focar o esquema narrativo de jovens com paralisia cerebral, ressaltando-se o apoio social no desenvolvimento das competências narrativas.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo explicativa, a qual busca identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2002). Assim sendo, dedica-se à explicação da razão dos eventos, de forma a buscar conhecer a realidade de maneira mais aprofundada.

O projeto de extensão contou com a participação de oito jovens com paralisia cerebral, atendidos em um Centro de Reabilitação Geral (CRG) em Ipatinga, Minas Gerais. Desses, três foram convidados para participar do pré e pós-teste deste estudo. A escolha deles se justifica por serem aqueles que se comunicavam por meio da linguagem verbal.

As participantes do sexo feminino têm 15 anos e 31 anos. A participante I estuda em escola regular e consegue andar. A participante II estuda na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e não consegue andar, utilizando uma cadeira de rodas como instrumento. Ambas se expressam verbalmente de forma compreensível. O participante III, do sexo masculino, tem 25 anos e apresenta uma dificuldade na expressão verbal em relação às demais. Ele também estuda na APAE e consegue andar. Todos são solteiros. Os responsáveis pelos jovens assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permitindo a realização deste estudo.

A história utilizada para a coleta de dados foi “O urubu e as pombas” (GOLDEN, 1987 apud LIRA et al., 2009). Essa é composta por 14 frases, divididas em 3 episódios, cada um formado por uma introdução, desenvolvimento e conclusão, conforme pode ser observado abaixo:

As frases formadoras do episódio 1 são:

1. Um urubu ouviu dizer;
2. que na casa das pombas havia muita comida;
3. Ele se pintou de branco;
4. e voou até a casa das pombas;
- 5/6. As pombas acharam que ele era uma delas;
7. e deixaram ele entrar.

As frases formadoras do episódio 2 são:

8. Ele continuou a gritar como um urubu;
9. As pombas descobriram;

10. que ele era um urubu;
11. e o expulsaram.

As frases formadoras do episódio 3 são:

12. Ele tentou se juntar novamente aos urubus;
13. mas estes não o reconheceram;
14. e não o aceitaram.

O conto e reconto da história “O urubu e as pombas” (GOLDEN, 1987 apud LIRA et al., 2009) foram realizados em dois momentos: no pré-teste (momento inicial), na primeira oficina do projeto de extensão; e no pós-teste (momento final), na última oficina, a fim de avaliar o desempenho e ganhos alcançados pelos jovens antes e após a intervenção.

No pré-teste, a coleta de dados consistiu no conto verbal da referida história pela pesquisadora a cada um dos três participantes de forma individual, por meio do uso de 14 *slides* com figuras relativas a cada uma das 14 frases da história, sendo exibidas em sequência, por meio de um *notebook*. Logo em seguida ao conto dessa história, foi solicitado a cada jovem para recontá-la verbalmente, através das mesmas figuras.

Enquanto cada participante recontava a história, a pesquisadora anotava a presença ou a ausência de cada uma das 14 frases. Após isso, foi quantificado o número total de frases reproduzidas, bem como foi realizada uma análise qualitativa para verificar o entendimento das partes centrais da história e a ocorrência de distorções.

Após a coleta de dados no pré-teste, foi realizada a primeira oficina do projeto de extensão. Esse projeto consistiu no conto da história “Alice no País das Maravilhas” (CARROLL, 1980), dividida em 11 capítulos, sendo que a cada encontro era relatado um novo capítulo da história ao público de oito jovens com PC.

Na mesma oficina de extensão, após o conto de cada capítulo, foram realizadas atividades lúdicas relacionadas à integração entre os participantes, estimulação sensório-motora e com o objetivo de proporcionar reflexões sobre a identidade, habilidades, emoções e relacionamentos interpessoais, conforme

o trabalho desenvolvido por Cassis e Francisquetti (2007). Assim, o projeto foi desenvolvido em 11 oficinas no total.

Na última oficina do projeto de extensão, houve a conclusão da história e atividades relativas ao conto de “Alice no País das Maravilhas” e confraternização entre os jovens.

Após isso, foi realizado o pós-teste desta pesquisa, no qual a história “O urubu e as pombas” foi novamente contada verbalmente pela pesquisadora de forma individual a cada um dos três participantes, através do uso das mesmas 14 figuras empregadas no pré-teste, sendo logo em seguida solicitado a cada participante para recontar a história, com o uso das mesmas figuras. A pesquisadora também anotou a presença ou a ausência de cada uma das 14 frases e realizou a análise quantitativa e qualitativa dos dados no pós-teste.

RESULTADOS

Na análise dos dados, foram avaliadas a quantidade e qualidade relativas ao reconto das 14 frases formadoras da história.

Percebe-se que no pré-teste (momento inicial), a participante I recontou 7 frases; a participante II reproduziu 6 e o participante III recontou 2 frases.

Já no pós-teste (momento final), a participante I recontou 11 frases; a participante II recontou 8 e o participante III reproduziu 4 frases.

Assim, em relação à quantidade, percebeu-se um aumento no número de frases reproduzidas pelos três jovens, após a intervenção.

Conforme análise qualitativa, durante o reconto da história, os três participantes omitiram frases, ou seja, não recontaram uma ou mais frases. Não ocorreram substituições (troca de uma frase por elementos diferentes daqueles presentes na história), acréscimos de informações (reconto parcial ou total de frases, de forma a acrescentar elementos ao enredo), inversões (troca temporal no reconto da sentença) ou repetições (recontar uma frase mais de uma vez) em nenhuma das três situações.

Em relação à análise qualitativa das sentenças, Lira e outros (2009) apontam as frases de número 3 (“Ele se pintou de branco”), 4 (“E voou até a casa das pombas”), 11 (“E o expulsaram”) e 14 (“E não o aceitaram”) como aquelas que evidenciam eventos fundamentais do enredo narrativo, constituindo as partes centrais da história. Dessa forma, o reconto dessas

frases, consideradas principais, indica uma significativa compreensão da história. A frase de número 4 foi apontada como sendo a de maior relevância, pois designa a finalidade do primeiro episódio da história. A frase de número 2 (“Que na casa das pombas havia muita comida”) apresenta o cenário, sendo indicativo do entendimento do restante da narrativa.

Participante I

De acordo com a análise qualitativa das frases, percebeu-se que, no pré-teste, a participante I recontou a maioria das frases consideradas principais da história, as quais foram as de número 2, referente ao cenário e os de número 4, 11 e 14, constituintes do tema central, sendo que, dentre as frases formadoras do tema central, apenas a frase de número 3 não foi recontada pela mesma. Também não foram recontadas as frases de número 5, 6, 7, 12 e 13. A participante I recontou as frases de número 8, 9 e 10, as quais denotam um momento de conflito na história, sendo que após solucionado, a narrativa avança em direção ao desfecho.

No pós-teste, a participante I recontou todas as frases formadoras do tema central da história, as quais foram aquelas de número 2, 3, 4, 11 e 14. Além dessas, a participante também recontou as frases de número 5, 6, 7, 10, 12 e 13. As frases de número 8 e 9 foram recontadas na situação inicial e omitidas na situação final, porém percebe-se que tal fato não prejudicou a compreensão da história, uma vez que as frases de número 10, 12 e 13 foram reproduzidas.

Participante II

No pré-teste, a participante II recontou todas as frases consideradas essenciais para o entendimento da história, as quais foram aquelas de número 2, 3, 4, 11 e 14. Além desses, esta participante reproduziu a frase de número 8, porém o recontou de forma isolada, sem relacionar com as sentenças seguintes, que constituem o conflito da história.

No pós-teste, a participante II recontou todas as frases formadoras do tema central da história, as quais foram aquelas de número 2, 3, 4, 11 e 14. Além dessas, foram recontadas as de número 7, 8 e 12, sendo que as frases de número 7 e 12 não haviam sido recontadas na situação inicial, o que

apontou uma mudança positiva e o reconto de um maior número de aspectos da história.

Participante III

Referente ao pré-teste, o participante III recontou duas frases, ambas estão incluídas no tema central, as quais foram os de número 2, que apresenta o cenário e 11, que representa uma das ações finais ocorridas na história. Devido à dificuldade na expressão verbal do participante, ao recontar a frase de número 2, ele enfatizou a palavra “comida” em vez de reproduzir a sentença por inteiro. De forma semelhante, ele recontou a frase de número 11, ressaltando a palavra “embora”.

No pós-teste, o participante III recontou 3 frases consideradas formadoras do tema central, sendo as de número 2, 11 e 14. A sentença de número 14 não havia sido recontada no momento inicial, o que demonstra que ele assimilou o último evento da história. Além destas, ele também recontou a frase de número 10 de forma parafraseada, evidenciando a palavra “urubu” em sua fala, em vez da sentença completa.

DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa indicam que todos os participantes apresentaram um avanço quantitativo e qualitativo nas frases recontadas, após as intervenções do projeto de extensão. Isso caminha ao encontro do exposto por Holck e outros (2011), uma vez que os três jovens com paralisia cerebral deste presente estudo apresentaram habilidades narrativas desenvolvidas. Ao analisar o pós-teste, identificam-se avanços consideráveis dos três participantes, comparando-se com o pré-teste.

Percebe-se a relevância em se considerar as diferenças individuais entre os participantes, no sentido de atentar-se para as especificidades das deficiências apresentadas pelos jovens, sendo que as duas participantes possuíam a habilidade de comunicação mais desenvolvida que o participante III, uma vez que ele apresentou uma maior dificuldade na expressão verbal, de forma que as frases recontadas constituíam a junção das palavras que conseguia expressar verbalmente. Assim, infere-se que tal jovem pode ter

compreendido mais aspectos da história do que ele recontou por meio da linguagem falada.

Holck e outros (2011) revelam a compreensão inferencial como facilitadora na coerência. Dessa maneira, os jovens com paralisia cerebral deste estudo, ao recontar a história, buscaram evidências que os auxiliassem na tarefa. O uso de figuras para ilustrar cada frase específica da história demonstrou um papel marcante para o entendimento da obra, no sentido de favorecer a compreensão inferencial. Silva e Spinillo (2000) concordam com essa visão, pois afirmam que a adoção de recursos como uma sequência de imagens para acompanhar uma história oral ou escrita podem contribuir para o entendimento da narrativa.

O participante III, que apresenta uma maior dificuldade na expressão verbal, não utilizou conjunções ou mecanismos de coesão explicativa, conforme apontado por Holck e outros (2011). Porém, a compreensão da informação pela pesquisadora (ouvinte) não foi prejudicada, uma vez que o participante III enfatizou as palavras mais importantes, acompanhadas de gestos e da referência às figuras contidas nos *slides*. As outras duas participantes, por conseguirem se comunicar verbalmente, apresentaram domínio satisfatório dessas conjunções.

Este estudo também demonstrou os vários benefícios do exercício narrativo, pois foi possível verificar os avanços dos participantes no que tange às relações sociais e desenvolvimento do pensamento abstrato, ao simbolizar os acontecimentos, personagens e cenários da história, situados em um tempo-espaço, o que concorda com os ganhos expostos por Flavell, Miller e Miller (1999) e Amaro e Moreira (2001).

Além da discussão acerca das habilidades narrativas dos jovens, mostra-se necessário focalizar também a influência do contexto social para o desenvolvimento psicológico e afetivo. Neste trabalho, adota-se a perspectiva biopsicossocial sobre a deficiência, conforme aborda Palisano e outros (2009). Dessa maneira, a intervenção com os participantes se constituiu enquanto uma relevante forma de participação social, pois o espaço do CRG, em que as atividades de pesquisa e extensão foram desenvolvidas, ofereceu uma rede de apoio significativa, ao expandir o convívio dos jovens em âmbito externo ao familiar.

O contexto social em que os participantes estão inseridos se configura como favorável e positivo a fim de estimular suas potencialidades, através do apoio familiar para a realização das atividades comunitárias, que favorecem as relações sociais em contextos mais amplos. Horsman e outros (2010) exibem a pertinência desse suporte, a fim de otimizar a saúde em uma ótica psicossocial.

Palisano e outros (2009), baseados em um modelo social sobre as deficiências, também destacam o papel essencial do suporte oferecido pelo meio, o qual depende de fatores socioeconômicos, políticos e geográficos, que podem facilitar ou mesmo limitar a participação social de pessoas com deficiências, principalmente daquelas que não conseguem andar.

Dentre os três participantes da pesquisa, apenas uma utiliza a cadeira de rodas como instrumento. É possível notar que o apoio familiar que a jovem recebe é de suma importância para a realização de atividades que ampliem seu círculo de relações além do âmbito familiar e, assim, corrobora para a geração de novas vivências e experiências de vida.

A falta de acessibilidade é apontada como um grande obstáculo para o maior envolvimento e inclusão na sociedade, sendo que, essencialmente na juventude, busca-se o desenvolvimento de mais vínculos de amizade e contatos com os outros, tal como pôde ser observado em momentos de interação social entre os jovens desta pesquisa.

Assim, jovens com paralisia cerebral acreditam que o sucesso na vida está associado a fatores como a confiança e a aceitação dos outros, o que corrobora para um aumento da autoestima (PALISANO et al., 2009; HORSMAN et al.; 2010). Ao adotar tais práticas, relacionados ao convívio com os outros, evitam-se ou diminuem-se as possibilidades das perdas funcionais apresentadas por Krakovsky e outros (2006).

Discute-se que dentre os participantes, dois estudam na APAE e uma frequente escola regular. Silva e Spinillo (2000) indicam o aumento da escolaridade como fator importante para um avanço na produção de histórias. Dessa maneira, percebe-se que o desempenho favorável apresentado por todos os participantes no pós-teste está relacionado a uma multiplicidade de questões, dentre elas a estimulação e aprendizagem oferecidas pelo ambiente escolar, bem como as intervenções do projeto de extensão e demais atividades realizadas no referido CRG, como o atendimento fisioterapêutico e psicológico.

Horsman e outros (2010) salientam que a necessidade de autonomia, para garantir uma melhor qualidade de vida às pessoas com paralisia cerebral. Dessa forma, nota-se que as oficinas de contação de história contribuíram para a maior independência e autoconfiança em ser bem-sucedido durante os momentos de interação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível constatar avanços quantitativos e qualitativos no esquema narrativo dos três participantes após as intervenções do projeto de extensão, aliado às estimulações das sessões de fisioterapia e acompanhamento psicológico, realizados no CRG e também das influências dos demais espaços sociais em que vivem.

No pré-teste, a participante I apresentou uma compreensão satisfatória acerca do conteúdo da história, uma vez que ela identificou os elementos que compõem o tema central, o conflito e o desfecho. Na situação final, observou-se um aumento na quantidade, bem como uma melhora na qualidade das frases reproduzidas, demonstrando uma melhor integração entre as partes da história, bem como evidenciou uma articulação satisfatória entre o conflito e o desfecho.

Na situação inicial, a participante II recontou todas as frases consideradas essenciais para o entendimento da história. Assim, ela apresentou uma compreensão significativa da história, entretanto não conseguiu estabelecer uma associação entre o conflito narrativo e o seu desfecho. Na situação final, houve um aumento na quantidade e uma evolução na qualidade das frases reproduzidas pela participante II. Dessa forma, ela demonstrou uma melhor integração entre as partes principais, conflito e desfecho da história, pois recontou frases que não haviam sido evocados no momento do pré-teste, os quais facilitaram um melhor entendimento.

Na situação inicial, percebe-se que o participante III não recontou todas as sentenças formadoras do tema central. No pós-teste, ele apresentou um aumento na quantidade e uma melhora qualitativa na recontagem. Assim, as três sentenças recontadas constituem-se como elementos centrais para a compreensão da obra, o que demonstra que assimilou o último evento, fato que não havia ocorrido no pré-teste. Apesar de não demonstrar uma articulação

entre as várias partes da narrativa, o participante III apresentou uma melhora proporcional em relação à situação inicial de reconto.

Oportunizou-se um trabalho que demandou sensibilidade e adaptação das atividades aos jovens, fato que colaborou para experiências positivas no campo da Psicologia. Assim, foi possível acompanhar e perceber o crescimento dos participantes em vários aspectos ao longo das oficinas, como uma maior autonomia nas atividades, expressão das ideias, preferências, criatividade e imaginação, bem como uma maior integração entre o próprio grupo.

Indica-se também que profissionais da área da saúde sejam encorajados a promover serviços destinados a pessoas com paralisia cerebral, a fim de que possam desenvolver ações mais satisfatórias e autônomas na vida social, o que inclui envolvê-las em atividades comunitárias. Esse conjunto de ações busca otimizar o desenvolvimento de habilidades como a comunicação e relações interpessoais.

Sugere-se a realização de novos trabalhos envolvendo essa temática, no sentido de aprofundar as discussões apresentadas, bem como proporcionar maior visibilidade às diversas potencialidades dos jovens com paralisia cerebral.

REFERÊNCIAS

AMARO, A. C.; MOREIRA, A. Quando as crianças contam histórias: compreensão dos processos de estruturação das histórias contadas por crianças do 1º C. E. B. para a construção de um guia de uma ferramenta informática. In: **II Conferência Internacional Challenges'2001/Desafios'2001**. [On-line]. 2001.

BOBATH, K. **A deficiência motora em pacientes com paralisia cerebral**. São Paulo: Manole, 1979.

CARROLL, L. **As aventuras de Alice no país das maravilhas. Alice através do espelho**. Trad. e org. Sebastião Uchôa Leite. São Paulo: Summus, 1980.

CASSIS, L.; FRANCISQUETTI, A. A. Avaliação da imagem mental em crianças portadoras de paralisia cerebral através da história de "Alice no País das Maravilhas". **Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral**, 2007. Editora Memnon Edições Científicas. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c42a.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2016.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER S. A. **Desenvolvimento cognitivo**. (C. Dornelles, trad.). Porto Alegre: Artmed, 1999. (public. orig. 1993).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLCK et al. Narrative ability in children with cerebral palsy. **Research in Developmental Disabilities**, 2011. p. 262–270. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21041064>. Acesso em: 28 dez. 2016.

HORSMAN, M. et al. Ageing with cerebral palsy: psychosocial issues. **Oxford University**, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20178997>. Acesso em: 28 dez. 2016.

KRAKOVSKY, G. et al. Functional changes in children, adolescents, and young adults with cerebral palsy. **Research in Developmental Disabilities**, 2007.p. 331–340. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16772110>. Acesso em: 28 dez. 2016.

LIRA, J.O. et al. O reconto de histórias em crianças do espectro autístico: um estudo preliminar. **CEFAC**, 2009. p. 417-422. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11n3/220-07.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2016.

PALISANO, R. J. et al. Social and Community Participation of Children and Youth With Cerebral Palsy Is Associated With Age and Gross Motor Function Classification. **Physical Therapy**. V.89. n.12. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19815646>. Acesso em: 28 dez. 2016.

RODRIGUES, D. A. **Corpo, espaço e movimento**: a representação espacial do corpo em crianças com paralisia cerebral. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. s.d.

SILVA, M. E. L.; SPINILLO, A. G. A influência de diferentes situações de produção na escrita de histórias. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300003&script=sci_arttext. Acesso em: 28 dez. 2016.